

**EMPREENDEDORISMO E PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO: um estudo com mulheres que frequentam a Sala da Mulher Empreendedora em Vitória da Conquista - BA**

**EMILLY SENA SILVA**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)

**ALMIRALVA FERRAZ GOMES**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)

**WESLEI GUSMÃO PIAU SANTANA**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)

**DANIELA SILVA CARVALHO**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)

**RODRIGO BARBOSA VIEIRA**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)

Agradecimento à órgão de fomento:

Agradecemos pela oportunidade de submissão de um artigo com tantas discussões. É necessário entender a importância de se estudar temas de empreendedorismo e trabalho para, então, mudar ideias e práticas sociais. O órgão de fomento foi de extrema ajuda e incentivo para que tal pesquisa fosse apresentada.

**EMPREENDEDORISMO E PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO:** um estudo com mulheres que frequentam a Sala da Mulher Empreendedora em Vitória da Conquista – BA

## 1. INTRODUÇÃO

O empreendedorismo exerce influência significativa na sociedade e, principalmente, na vida das mulheres pois, além de suprir necessidades, é alvo de realizações pessoais, aspirações e sonhos (LUCENA; RODRIGUES, 2022). Evidenciar as razões que levam mulheres a empreender requer uma análise de cenário cultural, social e econômico. De acordo com Santos *et al.* (2020), os motivos podem ser atribuídos a necessidade e/ou vontade de ampliar a sua renda, desejo de empreender e colocar a sua criatividade em prática, insatisfação com trabalhos anteriores e necessidade de sustento.

Segundo pesquisa realizada pelo *Global Entrepreneurship Monitor - GEM* (2018), estimou-se que 252 milhões de mulheres começaram a empreender e outras 153 milhões desejam iniciar o seu próprio negócio, o que corresponde a 1/3 das mulheres de negócio no mundo. O GEM (2018), porém, ao analisar as motivações que levaram mulheres a empreender, concluiu que o empreendedorismo por necessidade caiu e chegou a 50,4%, enquanto que o empreendedorismo por oportunidade aumentou de 66% para 76%. Tanto o empreendedorismo por necessidade quanto o motivado por oportunidade enfrentam dificuldades, porém, empreendedorismo por necessidade tem maior reincidência de estagnação e sofre mais com as crises econômicas (SOARES; SANTOS; OLIVEIRA, 2018).

Diante do desemprego, muitos indivíduos são obrigados a implantar seu próprio negócio para sobreviver. Contudo, em geral, essas escolhas camuflam situações de precarização do trabalho, uma vez que são denominados de empreendedores porque tiveram a iniciativa de empreender, mas, tal ação foi motivada pela necessidade de driblar o desemprego e garantir a sobrevivência. Dessa forma, devido à falta de condições adequadas, esses sujeitos experimentam exaustivas horas de trabalho, cansaços periódicos, direitos trabalhistas limitados, falta de lazer e tempo com a família, o que podem acarretar em problemas físicos, psicológicos e mentais (PONTES; ROSTAS, 2020).

Deste modo, o presente artigo tem como objetivo primordial analisar a relação entre o empreendedorismo e precarização do trabalho para mulheres que criaram o seu próprio negócio em Vitória da Conquista, Bahia, e que frequentam a Sala da Mulher Empreendedora. A Sala da Mulher Empreendedora é um espaço para que mulheres empreendedoras de Vitória da Conquista fossem auxiliadas em relação ao seu empreendimento, como uma política pública municipal da Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Secretaria de Desenvolvimento Social (Semdes), por meio da Coordenação de Políticas Públicas para Mulheres.

Para tanto, o trabalho está organizado inicialmente nesta introdutória, que delimita a pesquisa. Nas seções seguintes, encontram-se a fundamentação teórica, que revisa a produção bibliográfica sobre o tema e a metodologia, que descreve os caminhos da pesquisa. E, por fim, tem-se a análise dos dados empíricos à luz do referencial teórico e as considerações finais.

## 2. EMPREENDEDORISMO

O empreendedorismo é um campo de estudo ainda recente. A ampla variedade de pontos que são adotados para analisar tal fenômeno torna seu estudo desafiante. Ademais, as possibilidades de pesquisa são amplas e promissoras em se tratando de conceito, definição e delimitação de campo de estudo que ainda é considerado emergente (FRANCO; GOUVÊA, 2016). Fillion (2000, p.14), inclusive, refere-se ao empreendedorismo como sendo um “desafio perpétuo, dada a ampla variedade de pontos de vista usados para estudar o fenômeno.

No Brasil, o empreendedorismo se torna mais forte no século XIX, na Primeira Revolução Industrial, quando as necessidades de reformular e construir as infraestruturas de transporte e passagem de mercadorias se torna essencial para a sobrevivência da economia estatal e teve como principal protagonista Irineu Evangelista de Sousa, mais conhecido como Barão de Mauá (CORSINO; MARIANI, 2019). Mais à frente, outro marco ocorre em 1972, com a criação do SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) com o intuito de estimular a atividade empreendedora, já que o empreendedorismo se difundia entre os brasileiros (SEBRAE, 2022).

No entanto, as pesquisas acerca do tema emergiram nas décadas de 1970 e 1980 adentrando temas acerca de políticas públicas e formando o empreendedorismo de hoje. Ademais, verifica-se, principalmente na década de 1980, a sua expansão em diversas áreas do estudo das ciências humanas e gerencias (FRANCO; GOUVÊA, 2016). De acordo com Baron e Shane (2007), o empreendedorismo é visto como uma atividade realizada por indivíduos específicos que identificam uma oportunidade e tal oportunidade gera lucros sustentáveis.

Nessa perspectiva, Mocelin e Azambuja (2017) refletem que a ação empreendedora é uma das categorias de pesquisa que vem se destacando e argumentam que os objetivos do empreendedor são as oportunidades, as condições de ações, a tomada de decisões e os laços entre empreendedores, instituições e agentes econômicos que favorecem, por sua vez, as descobertas de oportunidades. Ademais, as condicionantes da iniciativa empreendedora requerem uma série de análises que são importantes para avançar na interpretação do processo da ação empreendedora, de modo a ampliar a perspectiva de análise do tema.

A ação empreendedora pode ser compreendida então a partir de duas etapas: (1) identificação, quando o indivíduo é sensibilizado para um conjunto de problemas e, ao mesmo tempo, é exposto a um conjunto de informações que o permite projetar soluções e então, pensar em possíveis soluções e; (2) tal identificação permite avaliar e verificar se a ação é viável e desejável (MOCELIN; AZAMBUJA, 2017).

Compreender o comportamento do empreendedor continua sendo desafiador para as pesquisas. As relações que se estabelecem entre desejo, necessidade, sonhos, processo criativo e a análise de oportunidades continuam desafiadoras na inserção no mundo do trabalho, pois não são um processo simples, envolve a posse de informações, habilidades cognitivas e a exploração de oportunidades ou uma janela de oportunidade. Além de se reconhecer oportunidades, o agente deve ter a capacidade de criar representações futuras para, então, tomar decisões (MOCELIN; AZAMBUJA, 2017). Avançar empiricamente na análise do processo da ação dos agentes, mesmo quem em realidades pontuais, é o desafio deste estudo.

### 3. GÊNERO E EMPREENDEDORISMO FEMININO

Abordar o empreendedorismo feminino perpassa por uma análise histórica do significado de gênero e sexo em que o gênero é fator determinante para o ingresso de mulheres no mercado de trabalho. Sexo está relacionado à natureza do sujeito, ao fator biológico e físico do ser humano, enquanto gênero volta-se à cultura e está relacionado ao caráter social das diferenças entre homens e mulheres (OKA; LAURENTI, 2018).

Mâncio, Oliveira e Pena (2018) verificam que, entre 1917 e 1919, as primeiras medidas regulamentadoras do trabalho feminino surgiram no ambiente fabril cujas deliberações proibiam a jornada noturna e o trabalho durante o último período da gestação e o primeiro mês após o parto. Mas, com essas medidas, a tentativa de proteger as mulheres contribuiu para o fortalecimento de estereótipos de fraqueza e vulnerabilidade, gerando nos empresários a ideia de que a contratação feminina é mais onerosa.

Inicialmente, as mulheres assumiam funções produtivas nas atividades de fiar, tecer, costurar, cuidar e servir, associadas às funções domésticas, cuidados da casa e da família. Havia

dificuldade da entrada feminina em ambientes masculinizados. Nas últimas décadas, vê-se uma mudança de pensamento referente às carreiras femininas. O preparo intelectual e conhecimento obtido com o aumento de escolaridade garantiu às mulheres maior participação em carreiras constituídas socialmente como masculinas (MÂNCIO; OLIVEIRA; PENA, 2018).

Para Maruani e Hirata (2003, p. 21), “a feminização do mercado de trabalho é real, mas inacabada, incompleta, tanto que se fez sob o signo da desigualdade e da precariedade”. Os conceitos de sexo e gênero são essenciais na evolução de preceitos e no entendimento de como se dá a divisão sexual do trabalho. Ademais, mesmo com o aumento da participação feminina no mercado, as mulheres ainda buscam reconhecimento profissional e aumento de salários.

As barreiras enfrentadas pelas mulheres para inserção no mercado de trabalho as fazem, muitas vezes, recorrer ao empreendedorismo como forma de sustento para si e sua família. De acordo com Corsino e Mariani (2019), existem duas principais barreiras contra o empreendedorismo feminino. A primeira encontra-se no status sociocultural da mulher e está relacionado ao papel familiar e de responsabilidades domésticas. A segunda diz respeito ao acesso à informação, a falta de conhecimento e acesso a veículos de informação, o que dificultam a inserção no empreendimento.

Na sociedade contemporânea, o empreendedorismo vem como uma forte opção para as mulheres inserirem-se no mercado de trabalho, obterem renda, e realizarem-se profissionalmente.. Nesse sentido, aumentou-se o número de mulheres que decidiram empreender, buscando novas ideias, correndo riscos e não desistindo de seus objetivos. Elas começam a reconhecer oportunidades e implementar ideias em novos negócios, gerando crescimento nas atividades empreendedoras e promovendo equilíbrio de gênero e avanço social, profissional e pessoal (DUARTE; FERNANDES, 2020).

#### 4. TRABALHO FEMININO

O debate sobre a divisão sexual deu-se, principalmente, com o movimento feminista. Tal movimento trouxe para o debate questões relacionadas a homens e mulheres e fez considerações importantes sobre as relações sociais de sexo, ao defender que a divisão social do trabalho envolve aspectos históricos, sociais e culturais de sobrevivência da relação social entre os sexos (SOUSA; GUEDES, 2016).

Abordar a divisão sexual do trabalho perpassa por prerrogativas que envolvem a distribuição de funções estabelecidas pela sociedade sobre o papel na organização. Estudos revelam a falta de acesso a cargos de chefia e a discriminação de gênero sofrida nas organizações. As mulheres enfrentam obstáculos e não possuem voz nas tomadas de decisões nos ambientes de trabalho. Tal divisão sexual do trabalho vem de prerrogativas sociais que permitem a discriminação feminina dentro do seu ambiente empregatício. No Brasil, a relação gênero e trabalho começa a ser analisado nos anos de 1990 e 2000 e verificou que há grande influência de atitudes patriarcais e machistas que colocam o homem como ser dominante e o ser de dominação dos gêneros, além do patriarcalismo, quando se delega à mulher cargos não remunerados e ao homem cargos produtivos (BIROLI, 2017).

Para Biroli (2017), a visão de gênero se dá em dois âmbitos decisivos: individual, em que as pessoas internalizam o que foi dito na escola, em casa ou no ambiente que frequentam e; coletivo, em que a apropriação coletiva define como o indivíduo deve se comportar, falar e escolher. O patriarcado presente em muitas sociedades exclui as mulheres e dá total controle para o homem.

No Brasil, com a Constituição Federal de 1988, a mulher passa a ter o direito de possuir a carteira assinada, mas seus salários ainda são menores que o dos homens, mesmo que a maioria das empregadas tenha nível de escolaridade maior. Em suma, há grande restrição para as mulheres. Mas a restrição não é só de gênero, a raça e a classe também enfrentam tal situação.

Por isso, a discussão sobre relações equânimes entre os gêneros envolve também o debate de reeducação social e equidade tanto dentro dos lares quanto fora deles, de igualdade salarial e de acesso a oportunidades de emprego (PRONI; PRONI, 2018).

Para Lacerda e Souza (2020), a participação feminina no mercado de trabalho tem alterado a composição sexual das ocupações e criado argumentações políticas sociais e econômicas para as mulheres no sistema de decisão, muito embora as oportunidades e condições de trabalho das mulheres sejam caracterizadas pelo patriarcalismo e pela divisão sexual do trabalho (NASCIMENTO, 2016).

A divisão sexual do trabalho, segundo Hirata (2009), parte de duas teorias: (1) ideia de complementaridade entre os sexos e; (2) ideia de conciliação dos papéis sociais. A conciliação divide-se em três formas. A primeira trata de um modelo tradicional em que a mulher está no seio da família e o homem no trabalho. A segunda diz respeito ao modelo de conciliação em que a mulher concilia a vida profissional e a familiar e a terceira forma é o modelo de delegação em que as mulheres delegam a outras mulheres as tarefas domésticas, substituindo a dupla jornada de trabalho. Com isso, nas pesquisas relacionadas a divisão sexual do trabalho, surgem dois temas importantes: as condições de trabalho e sua precarização e a satisfação no trabalho.

As mulheres hoje têm papel fundamental na sociedade e estão inseridas em todas as atividades profissionais. Entretanto, a divisão sexual do trabalho está muito presente nas organizações e impede o aumento da participação das mulheres em cargos. As leis trabalhistas garantem às mulheres o exercício de direitos como licença maternidade. Contudo, há muito que se transformar para que haja equidade no ambiente laboral (PRONI; PRONI, 2018).

As mulheres enfrentam diversas barreiras no mundo do trabalho e muitos estão associadas a comportamentos competitivos e de sobrevivência na empresa pois, por ser mulher, é necessário destacar-se em tudo que se faz e estar preparada para lidar com qualquer situação. Ademais, a ausência de mulheres em cargos de chefia também é recorrente. Tal fenômeno é conhecido como teto de vidro (MILTERSTEINER *et al.*, 2020). As condições de trabalho ainda são marcadas por longas jornadas, salários inferiores e insatisfação no ambiente de trabalho. A jornada feminina se alonga porque, geralmente, inclui o trabalho doméstico após um dia de trabalho remunerado, na maioria das vezes, precariamente. Ademais, apesar do nível de escolaridade superior, as mulheres ganham menos (PRONI; PRONI, 2018).

De acordo com Fernandez (2019), o teto de vidro faz parte da desigualdade hierárquica entre homens e mulheres. Ao se estudar o fenômeno do teto de vidro, verifica-se a existência de dois modelos. O primeiro modelo remete às práticas discriminatórias, manifestas ou veladas, que focam na exclusão das mulheres em posições de poder e o segundo modelo enfatiza a menor predisposição feminina em assumir cargos de chefia (VAZ, 2013).

Hoje, a sociedade se depara com duas situações. Uma relacionada a mulher como instrumento fundamental do auxílio doméstico e, neste caso, ela não pode trabalhar fora. Na outra, a mulher está ligada diretamente aos afazeres domésticos e ao mundo do trabalho, o que a sobrecarrega. Contudo, há a possibilidade de escolha feminina de decidir o que deseja para o seu futuro. Estes fatores mantêm a precarização no trabalho.

## 5. PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO

Para entender a precarização do trabalho, é importante entender a precariedade e precariedade como elementos fundamentais históricos e concretos na acumulação capitalista (BESIGHINI, 2017). Desde a era colonial, o Brasil depara-se com o despotismo das classes dominantes sobre os trabalhadores que, por sua vez, é marcada pela estratificação social e a concentração da produção em que uma minoria enrique com a “subjugação e degradação da maioria da população” (SILVA, 2020, p.128). Portanto, tal período é caracterizado pela compra de mão de obra negra e escrava como principal força de trabalho. Mesmo com a Proclamação

da República e a queda do Império, as classes dominantes se reorganizaram na exploração do trabalho e utilizaram outros meios de exploração para a sua ascensão (SILVA, 2020).

Segundo Silva (2020), entre 1822 e 1888, promulgaram-se leis de combate a escravidão, no entanto, a legislação trabalhista do Brasil foi conquistada pela organização de trabalhadores que defendiam melhores condições de vida e trabalho. Em 1858, houve uma greve cujos interesses eram a diminuição da carga horária de trabalho e o aumento de salários. Mesmo com a intervenção do Estado, conseguem mudar algumas condições de trabalho. Contudo, somente no governo de Getúlio Vargas, com a criação dos sindicatos, que se inicia a construção da legislação social do trabalho no Brasil.

No período Vargas, concessões foram feitas a classe operária e, em 1º de maio de 1940, por meio de lei, concede-se ao trabalhador um salário mínimo nacional, sacramento da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho), que rege as empresas do país e reúne leis sobre o direito individual, coletivo e processual do trabalho. Entretanto, mesmo com a luta constante por direitos trabalhistas, no governo de Michel Temer, no período de 2016 a 2018, houve um retrocesso quanto as leis trabalhistas, uma vez que a reforma trabalhista teve a principal finalidade de reduzir os custos com o pagamento de salários (SILVA, 2020).

A Lei nº 13.467/2017, que altera a CLT, amplia a história de precarização do trabalho, pois reduz o valor da força de trabalho e aumenta a insegurança social para trabalhadores inseridos em um mercado com altas taxas de informalidade e desemprego. Antunes e Druck (2015, p. 19) destacam que a “vulnerabilidade estrutural que se reconfigura, com formas de inserção (contratos) precárias, sem proteção social, com salários mais baixos, revelados pela terceirização de forma exemplar” se manifesta em distintos segmentos profissionais.

## 6. RELAÇÃO ENTRE EMPREENDEDORISMO E PRECARIZAÇÃO

Segundo Pialarissi (2017), a precarização do trabalho se caracteriza pela perda de direitos trabalhistas e sociais sem incentivo à legalização dos trabalhos e, por conseguinte, reforço da informalidade. As condições de trabalho, portanto, podem ser analisadas na intensificação da jornada de trabalho, redução salarial, desproteção, desregulamentação, terceirização e descontinuidade do trabalho. Em outros termos, verifica-se a intensificação da substituição do trabalho contratado e regulamentado por modalidades atípicas, como o empreendedorismo, cooperativismo, trabalhos voluntários e tantos outros que possuem as mesmas características: formas distintas de flexibilização salarial e de horário (ANTUNES; DRUCK, 2015). O capitalismo, portanto, em toda a sua configuração contemporânea, encontra no empreendedorismo, cooperativismo e outras estratégias do autoemprego, uma forma de mudar o vínculo empregatício através de autonomia no trabalho (SOARES, 2020).

O empreendedorismo, por vezes, aparece associado à redução dos custos de produção e, por sua vez, à precarização do trabalho. Nos empreendimentos, as pessoas estão sujeitas às novas condições flexíveis de auto trabalho e correm o risco de que suas ideias não avancem, por conseguinte, suas condições de pobreza podem levar ao aumento da desigualdade social (AMARAL, 2018). O empreendedor é o sujeito econômico que, na visão neoliberal, é uma máquina econômica que tende ao equilíbrio quando não é assolado pelos comportamentos morais e pelas intervenções políticas e sociais, que destroem a economia. Sendo assim, é um homem capitalista cujos interesses vão de encontro aos interesses estatais (DARDOT; LAVAL, 2016). Com isso, propõe-se que o empreendedorismo seja instrumento para o combate ao desemprego e ao trabalho informal (OLIVEIRA; CASTRO; SANTOS, 2017). No entanto, isso pode ser uma falácia ou um raciocínio falso.

Entretanto, a prática empreendedora tem gerado debates voltados para a criação de políticas de enfrentamento ao desemprego e à informalidade pois, há a crença de que a reestruturação produtiva do capital associada a precarização e a flexibilização está ligada

diretamente ao aumento da informalidade e da ação empreendedora como solução de problemas sociais, principalmente do desemprego (OLIVEIRA; CASTRO; SANTOS, 2017):

Como a proteção individual deixou de ser central, criam-se mecanismos legais que imprimem ao trabalho uma falsa autonomia, marcada pelo desassalariamento, pela precariedade e pela ausência de comando explícito, como se tais condições fossem suficientes para transformar trabalhadores em proprietários (ALVES; TAVARES, 2006, p. 437).

A liberalização do mercado e a precária proteção social garantida pelo Estado denuncia que o empreendedorismo pode ser uma escolha política de viés econômico liberal hegemônico e dominante que cria a ilusão social de que o Estado está solucionando as questões de desemprego e aumento da renda. Porém, a responsabilidade é passada para os trabalhadores. Nesse sentido, vê-se questões da esfera pública e econômica serem transferidas para a esfera privada em um contexto cujo projeto de desenvolvimento, pautado na garantia do emprego, é abandonado e se começa um movimento de neoliberalismo, que individualiza questões que eram para ser sociais (OLIVEIRA; CASTRO; SANTOS, 2017). No entanto, esse debate não invalida a importância do empreendedorismo para o desenvolvimento de uma nação. O que se pretende neste estudo também é refletir sobre as implicações de um empreendedorismo mais motivado pela necessidade do que pela oportunidade e desejo de autorrealização e inovação.

## 7. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A natureza da presente pesquisa é de natureza empírica pois, estudou o fenômeno a partir das experiências vividas por mulheres na escolha de empreender. Quanto ao tipo, a pesquisa é do tipo descritivo-exploratória, uma vez que se pretende descrever as principais características das mulheres que frequentam a Sala da Mulher Empreendedora e analisar a relação entre o empreendedorismo e a precarização do trabalho para mulheres que criaram o seu próprio negócio em Vitória da Conquista. Quanto a técnica de pesquisa, adotou-se o estudo de caso, uma vez que se concentrou em coletar e analisar uma quantidade de informações sobre o objeto de estudo, a fim de fornecer uma descrição detalhada do fenômeno em questão

O objeto de estudo desta pesquisa foram mulheres que frequentam a Sala da Mulher Empreendedora. Tais mulheres buscam a Sala para obter apoio na criação e manutenção dos seus negócios. Entretanto, devido à livre demanda pela procura de auxílio, não há uma estrutura que comporte todos os dados e não há o controle para conhecer as necessidades e prioridades dessas mulheres. Segundo a Coordenação, cerca de 400 mulheres estão cadastradas na Sala da Mulher Empreendedora e 90 mulheres estão em um grupo de Whatsapp para receber diariamente as mensagens da Sala. Deste modo, a coleta de dados deu-se em duas etapas. Na primeira, todas as mulheres do grupo de mensagens da Sala da Mulher Empreendedora foram convidadas a responder o questionário disponibilizado no aplicativo: *Google Forms*. Nessa etapa, 21 responderam ao instrumento. O questionário foi estruturado em dois blocos: perfil socioeconômico e perfil da empreendedora de modo a identificar os motivos que levaram as mulheres a implantar o seu próprio negócio, verificar o nível de satisfação com a atividade empreendedora e levantar as dificuldades enfrentadas

Na segunda etapa, por acessibilidade, entrevistaram-se três mulheres. Deste modo, a amostra foi não probabilística. Para preservar a identidade, as mulheres foram nomeadas de Alpha, Beta e Gama. A primeira mulher inaugurou a Sala da Mulher Empreendedora e as outras duas estão frequentando a Sala há menos de 2 anos. As entrevistas tiveram como propósito aprofundar os temas abordados no questionário e descrever as condições de trabalho dessas mulheres assim como relatar a experiência na criação do próprio negócio. As entrevistas foram

gravadas após autorização das informantes e a assinatura do Termo de Consentimento. As entrevistas duraram em média 30 minutos.

O tratamento dos dados utilizado foi qualitativo e quantitativo, tendo em vista os instrumentos de coleta. A análise quantitativa se deu com os dados oriundos dos questionários por meio do *software* SPSS e Excel para analisar as respostas e realizar cruzamentos a fim de obter semelhanças e diferenças entre os comportamentos. Após a transcrição, as entrevistas foram analisadas, interpretados e receberam tratamento qualitativo.

## 7. A SALA DA MULHER EMPREENDEDORA E O PERFIL DAS PARTICIPANTES

A Sala da Mulher Empreendedora foi inaugurada em agosto de 2021 como um espaço para que mulheres empreendedoras de Vitória da Conquista fossem auxiliadas em relação ao seu empreendimento. Tal ajuda perpassa por assessorias técnicas, cursos de capacitação, orientação profissional, dinâmicas e seminários. A Sala é fruto de uma parceria da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico com a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (Semdes), por meio da Coordenação de Políticas Públicas para Mulheres.

A iniciativa da Sala se deu pela necessidade de apoio às mulheres que se deparavam com percalços ao montar o seu negócio e colocá-lo para funcionar. Inclusive, foi a insistência de uma dessas mulheres que incentivou a criação da Sala. Essa mulher foi entrevistada e revelou que as dificuldades enfrentadas para legalização do seu empreendimento a fez provocar a prefeita da época a tomar providências para apoiar mulheres empreendedoras. Deste modo, foi a primeira mulher atendida e beneficiada com as orientações da Sala. Em sua entrevista, Alpha trata das dificuldades burocráticas enfrentadas no início do seu negócio.

Então eu briguei muito, mas eu briguei com Sheila frente a frente, mulher. Frente a frente [...] é isso, sempre encaminhava, sabe? Vai pra tal lugar que fulano vai falar com você, vai pra tal lugar que fulano vai falar com você, né? Eu chegava na mesa e falava, Sheila, não aguento mais isso. Resolva, sabe? E a gente, até encontrar uma base [...] que foi a criação da Sala (ENTREVISTADA ALPHA, 30 anos, 2023).

A criação da Sala da Mulher Empreendedora, portanto, se deu pela necessidade de mulheres buscarem suporte para colocar em prática as suas atividades e sonhos e minimizar os trâmites burocráticos. A presente coleta de dados permite inferir como a Sala da Mulher Empreendedora tem contribuído nas iniciativas e progressos do empreendedorismo feminino no município de Vitória da Conquista.

O perfil das mulheres que procuram a Sala para tirar dúvidas e buscar consultorias é de mulheres que já têm um negócio há mais de 1 ano. Os dados coletados através da aplicação do questionário e das entrevistas realizadas demonstram que o perfil das mulheres que frequentam a Sala da Mulher Empreendedora é composto por mulheres que englobam a faixa etária de 18 a 25 anos (5%), 26 a 35 anos (24%), 36 a 45 anos (47%) e acima de 45 anos (24%). Portanto, mulheres com menos de 25 anos pouco frequentam a Sala e, com isso, a faixa etária predominante é acima de 36 anos.

Ao se analisar o nível de escolaridade das mulheres que frequentam a Sala da Mulher Empreendedora, percebe-se que apenas 5% possuem ensino médio incompleto, 38% têm ensino médio completo, 14% possuem ensino superior incompleto, 19% ensino superior completo e 24% possuem pós-graduação. Em outras palavras, mais da metade das mulheres tem mais tempo dedicado aos estudos. No que diz respeito ao estado civil, as mulheres majoritariamente são casadas (52%) e vivem em união estável (10%). As divorciadas representam 24% das informantes e as solteiras correspondem a 14%. A maioria das mulheres tem até 2 filhos (58%), sendo que 29% têm apenas 1 filho, inclusive, 28% das informantes não têm filhos, 5% têm 3 filhos e 9% têm 5 filhos ou mais.



Em relação a renda mensal dessas mulheres, nota-se que 53% das mulheres recebem de 1 a 3 salários-mínimos, 33% recebem até 1 salário-mínimo e apenas 14% recebem de 3 a 5 salários-mínimos. A análise dos dados revelou que todas as mulheres que recebem de 3 a 5 salários-mínimos são mulheres que possuem pós-graduação(Tabela 1). Os estudos de Proni e Proni (2011) indicam que, apesar do nível de escolaridade superior, as mulheres ainda ganham pouco, conforme os achados da presente pesquisa. Esse resultado corrobora com as proposições de Maruani e Hirata (2003), quando afirma que a feminização do mercado de trabalho é inacabada e incompleta, gerando desigualdade e precariedade do trabalho.

**Tabela 1** - Escolaridade X Renda

		RENDA			TOTAL
		Até 1 salário mínimo	De 1 a 3 salários mínimos	De 3 a 5 salários mínimos	
ESCOLARIDADE	Ensino médio incompleto	0	1	0	1
	Ensino médio completo	4	4	0	8
	Ensino superior incompleto	0	3	0	3
	Ensino superior completo	2	2	0	4
	Pós-graduação	1	1	3	5
TOTAL		7	11	3	21

Fonte: Pesquisa de campo (2023)

Os resultados da pesquisa demonstram que questões relacionadas a maternidade, escolaridade, estado civil impactam na renda dessas mulheres. Tais dados convergem para discussão levantada por Corsino e Mariani (2019), que argumentam que as barreiras enfrentadas pelas mulheres para inserção no mercado de trabalho as fazem, muitas vezes, recorrer ao empreendedorismo como forma de sustento para si e sua família.

Para Franco e Gouvêa (2016), o empreendedor é visto como aquele que assume riscos. De acordo com Mocelin e Azambuja (2017), o processo da ação empreendedora envolve fases: a primeira delas se enquadra no caso da entrevistada Alpha. A identificação (fase 1) acontece quando o indivíduo é sensibilizado para um conjunto de problemas e, ao mesmo tempo, é exposto a um conjunto de informações que o permite projetar soluções. A entrevistada Alpha encontrou um problema relacionado ao seu pagamento e às suas contas. O conjunto de informações que tinha levou a possibilidade de empreender. A segunda fase diz respeito a avaliação e verificação da viabilidade da ação, inclusive, se é desejável. A empreendedora relatou que avaliou e verificou a sua ação e o mercado o qual pretendia atuar, conforme pode ser observado no trecho selecionado abaixo.

[...] num primeiro momento, meu sonho era uma Kombi. Porque o meu pai é mecânico e eu amo carro velho. Então, quanto mais retrô fosse, mais eu queria. Só que a ideia de fazer a Kombi, o comércio, ela foi surgindo, **a gente viajou, fez pesquisas, conheceu**. Porque em São Paulo tem muito, né? Então, a gente queria muito trabalhar nessa linha. O produto, ele veio depois. Porque eu fui percebendo nas mulheres, sabe que chegou uma moda que tudo era mostrando muito? Sabe? É muita barriga, é muito peito. Sabe? É mostrando tudo, muito. **E a T-Shirt é um produto universal, né? E é uma coisa que a gente usa todo dia, não sai de moda e é universal.** (ENTREVISTADA ALPHA, 30 anos, 2023, grifo nosso)

A primeira etapa da coleta, em que 21 mulheres responderam ao questionário, revelou que apenas uma mulher que criou o seu negócio não foi motivada pelo desejo de colocar uma ideia em prática.

Para o GEM (2018), há dois tipos de empreendedores: aqueles que empreendem por necessidade e aqueles que empreendem por oportunidade. De acordo com Alpha e Gama, a ação empreendedora delas foi motivada pela necessidade. Contudo, Beta empreendeu por oportunidade. Embora Alpha e Gama salientam que necessidade e oportunidade andam juntas.

**A necessidade.** Porque, por exemplo, hoje eu fico imaginando, na verdade, o empreendedorismo, ele sempre vem a partir de um momento ruim. Porque aí você precisa encontrar forças pra fazer algo pra você. É onde você descobre o seu potencial, do que você sabe fazer, do que você gosta de fazer, do que gera dinheiro, né? Então, é sempre assim. Nunca uma pessoa está totalmente confortável e fala, ah, eu sei, vou largar tudo e vou fazer isso, sabe? A não ser quando você vem de uma família onde tem um comércio, existe uma empresa e você vai, né, seguindo e assumindo a empresa. Aí, mas ruim é empreender por si só? Não, **ele sempre vem após uma dificuldade.** Não tem jeito. O meu foi olhar a conta bancária e achava um absurdo. Você já pensou trabalhar, sei lá, mais de 30 dias, 45 dias praticamente e o dinheiro tá lá, não dá pra pagar nem um cartão de crédito. Você tá doida? Fora os juros, né? Não quero nem pensar no nosso custo total. Eu surtei muito, muito. (ENTREVISTADA ALPHA, 30 anos, 2023, grifo nosso)

Eu acredito que **por oportunidade.** Desde algum tempo logo que eu iniciei, que **eu tive o desejo de fazer a faculdade de moda, eu já queria fazer algo voltado à moda e que fosse sustentável.** (ENTREVISTADA BETA, 27 anos, 2023, grifo nosso)

Eu acredito que as duas coisas. **A necessidade do momento e a oportunidade** que você viu, né? Sim, que eu vi. Exato, exato. Eu acho que os dois. **Mas eu ainda acho que mais por uma necessidade.** Como eu te falei, que o mercado de trabalho ele é bem severo com as pessoas que já tem certa idade, entendeu? Então, eu vi que **eu precisava sobreviver do meu trabalho. Porque me encaixar no mercado de trabalho de CLT era muito complicado, era muito difícil.** Então, eu acredito que as duas coisas. **A pandemia veio para poder me dar esse abrir minha mente, né? E a necessidade também de começar a ganhar meu próprio dinheiro.** (ENTREVISTADA GAMA, 47 anos, 2023, grifo nosso)

A flexibilização, desmobilização e redução dos direitos do trabalho fez crescer o número de trabalhadores informais de tal forma que a quantidade de donos do próprio negócio também aumentou. Com a grande quantidade de pessoas que não tem alternativas, cresceu, por conseguinte, o número de empreendedores por necessidade (OLIVEIRA; CASTRO; SANTOS, 2017), conforme pode ser observado nos trechos selecionados acima. A entrevistada Beta diz que empreendeu por oportunidade e as demais por necessidade. Vê-se que, nos últimos anos, houve um acréscimo no empreendedorismo, especialmente durante a pandemia pois, o aumento das demissões nas empresas e a necessidade de isolamento levou muitas mulheres a procurarem uma fonte de renda por meio da criação do próprio negócio. Esse contexto foi promissor para alguns, conforme pode ser observado no relato de Gama, no trecho selecionado abaixo:

[...] Mas **na pandemia realmente que foi o boom.** Porque assim. Como **eu ganhei bastante dinheiro com máscaras. Eu vi que foi uma coisa que tava naquela hora.** As pessoas tudo atrás. Tudo querendo. Falei. Poxa. Vamos. Vamos ir. Vamos ver o que tá dando. (ENTREVISTADA GAMA, 47 anos, 2023, grifo nosso).

A ação empreendedora pode sofrer interferência da qualificação. Para a entrevistada Beta, a formação acadêmica foi o fator principal para a criação do negócio: **“Eu comecei a me planejar no trabalho no TCC da faculdade e aí eu desenvolvi todo o processo da marca, todas as peças da coleção que eu ia lançar e foi assim que aconteceu. Sou formada em design de moda e isso me ajudou.”** (ENTREVISTADA BETA, 27 anos, 2023, grifo nosso).

Diante disso, pode-se perceber que a maioria das motivações das mulheres entrevistadas volta-se a necessidade de empreender, uma vez que embora tenham sonhos de mudar o mundo, elas ainda precisam complementar a renda, desenvolver habilidades e sustentar suas famílias.

## 8. DIFICULDADES ENFRENTADAS E EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

A Sala da Mulher Empreendedora atende mulheres de Vitória da Conquista e região do sudoeste baiano oferecendo serviços de orientação àquelas que empreendem ou que estão iniciando a sua jornada empreendedora. As mulheres que frequentam a Sala têm pouco tempo como empreendedora, uma vez que apenas 57% dos negócios existem há menos de 3 anos.

Na pesquisa nota-se que 76% das mulheres têm o empreendedorismo como principal fonte de renda e 24% das mulheres, além de empreendedoras, têm no serviço público sua principal fonte de renda. Para a Entrevistada Alpha: “dez anos trabalhando pros outros, não indico pra ninguém [...] você gasta tanto tempo da tua vida. Hoje eu fico imaginando, **se eu tivesse começado a trabalhar pra mim quando eu comecei a trabalhar pros outros, eu estaria em outro patamar**” (ENTREVISTADA ALPHA, 30 anos, 2023, grifo nosso).

Quando perguntadas sobre as dificuldades experimentadas para criar e gerenciar o seu próprio negócio, as entrevistadas contaram histórias relacionadas aos desafios enfrentados. Utilizando-se de recursos do portal *Makewordcloud* para montar uma nuvem de palavras, as expressões mais utilizadas permitiram a elaboração da Figura 1.

**Figura 1** – Dificuldades enfrentadas para criar e gerenciar o negócio



Fonte: Pesquisa de campo (2023)

A palavra mais utilizada nos questionários acerca das dificuldades foi conhecimento, pois 33% das entrevistadas informaram que não tinham conhecimento ao decidir empreender. Ademais, a falta de capital foi fator de dificuldade para elas. Todavia, quando se perguntou a elas sobre o conhecimento para empreender, todas as entrevistadas informaram que pensaram, estudaram e se planejaram para decidir empreender. Segundo Gama (47 anos), “Eu pensei e planejei. É tanto que eu fiquei um ano. Pra correr, pensar, planejar.” A entrevistada Alpha explica o processo de planejamento da empresa, muito embora admita que fatores externos comprometeram seu investimento inicial e a levou a perder dinheiro, conforme pode ser observado no trecho abaixo:

Não, **a gente estudou**, porque eu queria antes, eu queria a Kombi na verdade, né? Eu queria inaugurar com a Kombi. Eu queria ela pronta pra gente ir pra rua com ela. Só que o que aconteceu? Eu comprei uma Kombi em São Paulo e aí essa Kombi não veio **porque veio a pandemia, eu acabei perdendo dinheiro, né? E aí eu perdi**

**todo o investimento que eu tinha, todo o dinheiro que eu tinha pra começar com a Kombi**, com a loja móvel, eu perdi. Agora não tem jeito (ENTREVISTADA ALPHA, 30 anos, 2023, grifo nosso).

A entrevistada Alpha salienta suas dificuldades com a administração da empresa, conforme pode ser observado no trecho selecionado abaixo. Tal dificuldade deve ser superada para que o empreendimento sobreviva e também cresça. De acordo com Gomes (2010), ações empreendedoras e gerenciais são necessárias para a manutenção de um empreendimento e tais ações não precisam, necessariamente, ser desenvolvidas pelo mesmo sujeito.

**Pra fazer a parte administrativa que eu sou péssima. Eu não fecho caixa.** Só pra você ter noção, na semana passada eu fiz um pix pra um motoboy de 90 reais. Eu só fiquei sabendo que ele veio atrás pra me devolver. Porque eu não tenho noção. **Eu sou muito péssima administrativa. Então eu preciso dessa pessoa pra me dar esse suporte.** (ALPHA, 30 anos, 2023, grifo nosso).

Nota-se que a palavra família também fica em destaque (Figura 1), uma vez que algumas entrevistadas tiveram apoio da família para empreender.

[...] **a minha família, desde o início.** [...] **a minha família é a minha maior incentivadora.** Tanto a minha mãe, como meus irmãos, como meu marido. Me apoia muito, muito mesmo. Tanto comprando, como indicando. E dando força mesmo. Não, vai dar tudo certo. Vai dar certo [...]. **Minha família sempre me coloca lá em cima, né.** Você é inteligente. Você consegue. Você é bem dinâmica. E assim, **o apoio da família realmente é muito importante.** [...] Porque se não tiver o apoio, você não consegue. Ah, assim, você até consegue. Mas você não tem aquela garra do início [...] todo mundo acredita em mim [...]. E assim, às vezes quando eu tô triste. Para com isso. Bora, bora. Bora levantar. [...] Então assim, sabe? É muito gratificante isso. Muito gratificante. Você ter pessoas. Você ter um apoio (ENTREVISTADA GAMA, 47 anos, 2023, grifo nosso).

Apesar das dificuldades enfrentadas, as experiências profissionais traçadas foram de grande auxílio para que as entrevistadas alcançassem tempo de negócio e êxito no seu empreendimento.

## 9. CONDIÇÕES DE TRABALHO E PRECARIZAÇÃO

A precarização do trabalho caracteriza-se por envolver trabalhadores assalariados ou não registrados. As mulheres entrevistadas possuem desfiliação de seus trabalhos regidos pela CLT, uma vez que 76% vivem exclusivamente do empreendedorismo. Além disso, encontram-se vulneráveis em se tratando de remuneração e exercícios de múltiplas funções.

As condições de trabalho feminina caracterizam-se por uma jornada múltipla de trabalho que visa conciliar atividades dentro e fora de casa (PRONI; PRONI, 2011). Na divisão social do trabalho, a mulher é levada aos afazeres domésticos e ao mundo do trabalho e, por isso, a sua jornada se torna mais sobrecarregada e precarizada.

**É uma jornada quádrupla. Porque não tem que aguenta.** Eu tenho meu esposo que me ajuda bastante, na verdade, né? A minha filha tem 10 anos. É muito independente. Ela aprendeu a ser independente. Ela estuda pela manhã. Então, a minha preocupação é sempre mandar ela prá escola. Normalmente, quando ela chega, meu esposo tá em casa. Ele tá em casa pra dar suporte a ela. Então, é assim. Durante o dia, na loja. E à noite, em casa. E aí, a gente vai se desdobrando. Quando dá, né? (ENTREVISTADA ALPHA, 30 anos, 2023, grifo nosso).

A substituição do trabalho contratado e regulamentado pelo empreendedorismo é marcado pela flexibilização salarial e de horário (ANTUNES; DRUCK, 2015). Proni e Proni (2011) evidenciam também que, apesar do nível de escolaridade, as mulheres ganham menos, o que nesta pesquisa é perceptível pois, mesmo com pós-graduação, a entrevistada Alpha recebe 1,5 salário mínimo. A entrevistada Gama refere-se à capacidade empreendedora de ser multifuncional, pois no pequeno negócio, cabe ao dono fazer tudo para que a empresa funcione. Essa exigência sobrecarrega evidentemente a pessoa.

[...] **pra quem empreende, você trabalha muito.** Aí você acha assim, ah, eu vou empreender, eu vou ganhar dinheiro, eu vou trabalhar. [...] Trabalha mais. Muito mais. Como eu te falei, eu sou minha fotógrafa, eu sou a minha contadora, eu sou a que corta, a que costura, a que embala. Então, assim, eu sou quem compra sacolinha, quem vai pegar, quem compra os saquinhos que acabou, que acabou a minha etiqueta [...] então, é isso. **A gente que faz tudo** (GAMA, 47 anos, 2023, grifo nosso).

As mulheres que responderam ao questionário majoritariamente não possuem funcionários para as auxiliarem (90%). Essa situação, por conseguinte, as sobrecarregam e confirma que seus empreendimentos são de micro porte e que cabe a elas fazer tudo. Ao se questionar se as mulheres consideram que possuem conhecimento administrativo para gerenciar o seu próprio negócio, verificou-se que a maioria das mulheres concorda (60%), total (32%) e parcialmente (28%) com a afirmação. Embora afirmem majoritariamente que possuem conhecimento administrativo, seus empreendimentos geram poucos empregos. Ademais, essas mulheres possuem baixa renda para quem se julga com conhecimento administrativo suficiente e adequado para gerir o seu próprio negócio, uma vez que apenas 14% das informantes recebem de 3 a 5 salários e são justamente as que possuem pós-graduação.

Segundo os dados coletados, 21% das mulheres não se consideram detentoras dos conhecimentos necessários para o seu negócio. Essas mulheres admitem que carece a elas tal qualificação. Soares (2020) defende a tese de que com o empreendedorismo quanto mais se trabalha mais dinheiro se tem. Entretanto, essa afirmação não se aplica a realidade dessas mulheres, que trabalham muito e não recebem o suficiente para crescer e gerar empregos.

Em conversa com as entrevistadas sobre a abertura do Microempreendedor Individual - MEI, elas informaram que a Sala as orienta a inscreverem-se no MEI para que possam ter alguns direitos. Entretanto, o MEI não garante salários fixos mensais, jornada fixa de trabalho e 13º salário. As mulheres têm longas jornadas de trabalho, baixa renda e ainda cuidam da casa e dos filhos. Os dados revelam que 61% das informantes concordam total (19,1%) e parcialmente (42,8%), que a excessiva carga de trabalho (família e emprego) prejudica o seu desempenho laboral.

Os dados apresentados até então permitem inferir que a noção de proteção individual deixou de ser central no trabalho e que mecanismos legais estão criando a falsa ideia de que o empreendedorismo traz autonomia. Com isso, faz-se necessário entender o impacto dessas políticas de fomento ao empreendedorismo individual e a sua relação com a precarização do trabalho. À medida que novos modelos de trabalho surgem, como o trabalho autônomo, algumas formas de proteção tradicionalmente associadas ao emprego assalariado podem ser comprometidas. Essas mudanças podem levar a situações em que os trabalhadores enfrentem condições precárias, carência de benefícios sociais e menor controle sobre suas próprias atividades laborais.

Em suma, as condições de trabalho precarizado que assola a vida de muitas mulheres levanta questões sobre a necessidade de se repensar as leis trabalhistas e as políticas de proteção social, a fim de garantir que trabalhadoras e trabalhadores tenham condições justas e adequadas, independentemente da forma de trabalho que desempenhem. O equilíbrio entre a flexibilidade

e a segurança no trabalho é um desafio complexo que requer considerações cuidadosas para garantir os direitos e a dignidade dos trabalhadores.

## 10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inserção feminina no mercado de trabalho trouxe mudanças e desafios a serem enfrentados. A mulher conquistou direitos, entretanto, as barreiras enfrentadas para inserção no mercado de trabalho ainda são muitas, o que faz com que muitas recorram ao empreendedorismo para manterem-se ativas economicamente.

Tendo em vista que o trabalho é fonte indispensável na vida humana, é necessário compreender a importância das condições de trabalho para o trabalhador e para a sociedade. Ao decidir empreender, as mulheres podem ser movidas pela necessidade e/ou oportunidade. O primeiro caso, principalmente, pode estar rodeado de precarização.

Com o objetivo de auxiliar mulheres empreendedoras, através da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, foi criada a Sala da Mulher Empreendedora em Vitória da Conquista. A Sala oferece assessoria técnica, cursos de capacitação, orientação profissional e seminários a fim de promover o crescimento pessoal e profissional das empreendedoras. A Sala atende mulheres de diversas faixas de renda.

A literatura revisada apontou que o empreendedorismo e a precarização do trabalho são questões que precisam ser discutidas para que as mulheres tenham proteção social, melhores salários e condições favoráveis para prosseguir com o seu negócio. Dessa forma, a presente pesquisa teve como principal objetivo analisar a relação entre o empreendedorismo e precarização do trabalho para mulheres que criaram o seu próprio negócio em Vitória da Conquista e que frequentam a Sala da Mulher Empreendedora.

Quanto ao perfil das mulheres, destaca-se a predominância de mulheres na faixa etária de 36 a 45 anos. Quanto ao estado civil, a maioria possui cônjuge. Das 21, 15 possuem filhos. Em relação ao grau de escolaridade, apenas uma mulher possui apenas ensino médio incompleto, oito concluíram o ensino médio, três cursam ensino superior, quatro já concluíram ensino superior completo e cinco possuem pós-graduação. Vale destacar ainda que a maioria das mulheres recebe de 1 a 3 salários mínimos (11), sete mulheres recebem até 1 salário mínimo e três recebem de 3 a 5 salários mínimos.

O cotidiano laboral dessas mulheres evidencia a jornada múltipla de trabalho e a necessidade de flexibilidade de horário. Verificou-se que, embora escolarizadas, seus rendimentos são considerados baixos. Com isso, a qualificação profissional e experiência pessoal possibilitou o ingresso delas no mercado de trabalho. Além disso, geram poucos empregos diretos pois, 90,47% delas não possuem funcionários, evidenciando que elas próprias compram, produzem, vendem e administram o seu negócio. As entrevistadas confirmaram que a necessidade foi crucial para a criação do negócio. As principais dificuldades estão relacionadas a falta de conhecimento e de capital.

Ao finalizar este estudo, que tem suas limitações acentuadas no estudo de caso de modo a não permitir generalizações, ficam ainda muitas questões que demandam aprofundamento, como a trajetória e o impacto da mulher no mundo do trabalho, a relação formação acadêmica e empreendedorismo e diversas dificuldades na gestão. Por fim, aconselha-se à Sala da Mulher Empreendedora que promova mais atividades e divulgações dos seus serviços para que a sociedade conheça os seus objetivos, tendo em vista o seu potencial em ajudar as mulheres rumo ao crescimento pessoal e profissional.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Aparecida; TAVARES, Maria Augusta. A dupla face da informalidade do trabalho: “autonomia” ou precarização. In: ANTUNES, R. (Org.) **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2006. p. 425-444.

AMARAL, Angela Santana do. Precarização estrutural e exploração da força de trabalho: tendências contemporâneas. **Argumentum**, Vitória-ES, v. 10, n. 3, p. 244-256, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/19549/15689>. Acesso em: 05 de outubro de. 2022.

ANTUNES, Ricardo; DRUCK, Graça. A terceirização sem limites: a precarização do trabalho como regra. **O Social em Questão**, v. 18, n. 34, p. 19-40, 2015. Disponível em [www.redalyc.org/journal/5522/552264586001/552264586001.pdf](http://www.redalyc.org/journal/5522/552264586001/552264586001.pdf). Acesso em 03 out 2022.

BARON, Robert; SHANE, Scott A. **Empreendedorismo: uma visão do processo**. São Paulo: Thompson, 2007.

BESIGHINI, Raysa. Empreendedorismo e precarização da força de trabalho: um estudo sobre microempreendedores em São Gonçalo- RJ. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE SERVIÇO SOCIAL, 2., Florianópolis, 2017. **Anais...** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina Florianópolis, 2017, Florianópolis. Disponível em < 101\_00316.pdf (ufsc.br)>. Acesso em 18 ago. 2022

BIROLI, Flávia. Divisão Sexual do Trabalho e Democracia. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 59, n.3, jul./set. 2017. Disponível em: < [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0011-52582016000300719](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582016000300719)>. Acesso em: 18 ago.2022

CORSINO, Michelle Oliveira do Espírito Santo; MARIANI, Milton Augusto Pasquotto. Ambiente institucional e empreendedorismo no Brasil: inter-relações no século XXI. **Revista Economia & Gestão**, v. 19, n. 53, p. 108-116, 2019. Disponível em <http://periodicos.pucminas.br/index.php/economiaegestao/article/view/20178>. Acesso em 30 ago 2022.

DARDOT, Pierre.; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo. 2016.

DUARTE, Karoeny, de Amorim; FERNANDES, Ronaldo Augusto Silva. Empreendedorismo Feminino: Análise de Perfil de Mulheres Empreendedoras No Brasil. **Revista Eletrônica Cosmopolita em Ação**, v. 6, n. 2, p. 1-11, 2020. Disponível em: < <http://revistas.icesp.br/index.php/Cosmopolita/article/view/1030>> Acesso em 06 out 2022.

FERNANDEZ, Brena Paula Magno. Teto de vidro, piso pegajoso e desigualdade de gênero no mercado de trabalho brasileiro à luz da economia feminista: por que as iniquidades persistem?. **Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais**, n. 26, p. 79-104, 2019. Disponível em: < Teto de vidro, piso pegajoso e desigualdade de gênero no mercado de trabalho brasileiro à luz da economia feminista: por que as iniquidades persistem? | Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais (unesp.br)> Acesso em 26 out 2022.

FILION, Louis J. O empreendedorismo como tema de estudos superiores. In: **Empreendedorismo: ciência, técnica e arte**. Brasília: CNI/IEL, 2000. p. 13-42.

FRANCO, Jheine Oliveira Bessa; GOUVÊA, Josiane Barbosa. A cronologia dos estudos sobre o empreendedorismo. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 5, n. 3, p. 144-167, 2016. Disponível em <https://go.gale.com/ps/i.do?id=GALE%7CA540903286&sid=googleScholar&v=2.1&it=r&linkaccess=abs&issn=23162058&p=IFME&sw=w&userGroupName=anon%7E5349e9b3>. Acesso em 5 out 2022.

GEM. **Empreendedorismo no Brasil**. 2018. Disponível em: <https://ibqp.org.br/PDF%20GEM/Livro%20Empreendedorismo%20no%20Brasil%20-%20web%20compactado.pdf>. Acesso em 30 ago 2022.

GOMES, Almira Ferraz. **Ação Empreendedora e Relações de Gênero: um estudo multicasos na cidade de Vitória da Conquista, Bahia**. 2010. 441 f. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2010.

HIRATA, Helena. Mundialização, divisão sexual do trabalho e movimentos feministas transnacionais. **Cadernos de crítica feminista**, v. 3, n.2, 2009. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/saffioti/2009/12/40.pdf#page=80>. Acesso em 26 out 2022.

LACERDA, André Luís Ribeiro; SOUZA, Patricia Cristiane. Sobre a relação entre auto emprego e mulheres chefes de família: uma revisão sistemática. **Revista Estudos e Pesquisas em Administração**, Rondonópolis, v.4, n.1, jan-abr. 2020. Disponível em <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/repad/article/download/9577/6691?inline=1> Acesso em 17 set 2022.

LUCENA, Priscilla Ferreira de; RODRIGUES, Danielle Fernandes. Empreendedorismo feminino na cidade de João Pessoa – PB: dificuldades enfrentadas no período do COVID-19. **Revista Campo do Saber**, v. 8, n. 1, 2022. Disponível em: <Empreendedorismo Feminino Na Cidade De João Pessoa-PB: dificuldades enfrentadas no período do covid-19 Priscilla Ferreira De L (googleusercontent.com)> Acesso 31 ago. 2022

MÂNCIO, Rafaela Silva; DE OLIVEIRA, Silvana Alves; PENA, Felipe Gouvêa. Empoderamento feminino: um estudo com mulheres empreendedoras. In: ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE EMPREENDEDORISMO E GESTÃO DE PEQUENAS EMPRESAS, 11., 2018, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANEGEPE, 2018. Disponível em: <https://proceedings.science/egepe-2020/trabalhos/empoderamento-feminino-um-estudo-com-mulheres-empendedoras#:~:text=Os%20resultados%20demonstram%20que%20as%20a%C3%A7%C3%B5es%20de%20empoderamento,voz%20dentro%20e%20fora%20do%20mercado%20de%20trabalho>. Acesso em 06 out 2022.

MARUANI, Helena; HIRATA, Helena. **As novas fronteiras da desigualdade homens e mulheres no mercado de trabalho**. São Paulo: Editora Senac São Paulo. 2003. 365p.

MILTERSTEINER, Renata K.; OLIVEIRA, Fátima B. de; SANT'ANNA, Anderson de Souza; MOURA, Luiz Carlos. Liderança feminina: percepções, reflexões e desafios na administração pública. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 406-423abr./jun. 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cebape/a/tCzLBJyCbWjsr5bkQnnZ7bm/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 04 Ago.2021.

MOCELIN, Daniel Gustavo; AZAMBUJA, Lucas Rodrigues. Empreendedorismo intensivo em conhecimento: elementos para uma agenda de pesquisas sobre a ação empreendedora no Brasil. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 19, n. 46, p. 30-75, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/QncYYTkhBZg54PLz6g4RtTw/abstract/?lang=pt>. Acesso em 16 set 2022.

NASCIMENTO, Sara Diniz. Precarização do trabalho feminino: a realidade das mulheres no mundo do trabalho. **Revista de Políticas Públicas**, São Luís-MA, n. especial, p. 339-346, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3211/321153853034/321153853034.pdf> Acesso em 03 out 2022.

OKA, Mateus; LAURENTI, Carolina. Entre sexo e gênero: um estudo bibliográfico-exploratório das ciências da saúde. **Saúde e Sociedade**, Maringá-PR, v. 27, n.1, p. 238-251, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/6DbV8gjdVXsry5QQ7KHKRB/>. Acesso em 18 set 2022.

OLIVEIRA, Andressa Somogy de; CASTRO, Carla Appollinario; SANTOS, Hudson Silva dos. Trabalho informal e empreendedorismo: faces (in)visíveis da precarização. **Revista Brasileira de Sociologia do Direito**, v. 4, n. 3, set./dez. 2017. Disponível em: <124-Texto do artigo-687-3-10-20170828.pdf> Acesso em 05 set. 2022.

PIALARISSI, Renata. Precarização do trabalho. **Revista de Administração em Saúde**, v. 17, n. 66, 2017. Disponível em <https://cqh.org.br/ojs-2.4.8/index.php/ras/article/view/11>. Acesso em 03 out 2022.



PONTES, Fernanda Rodrigues; ROSTAS, Márcia Helena Sauaia Guimarães. Precarização do trabalho do docente e adoecimento: COVID-19 e as transformações no mundo do trabalho, um recorte investigativo. **Revista Thema**, v. 18, p. 278-300, 2020. Disponível em <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/1923>. Acesso em 12 set 2022.

PRONI, Thaíssa Tamarindo da R. Weishaupt; PRONI, Marcelo Weishaupt. Discriminação de gênero em grandes empresas no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, v. 26, 2018. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ref/a/b63KGwqRVrTvtvhC6FkXLZf/>. Acesso em 05 nov 2022

SANTOS, Deise A. dos; SCHIMIDT, Carla M.; CIELO, Ivanete D.; WENNINGKAMP, Keila R.; CANEVESI, Fernanda C. Sanches. Empreendedorismo Feminino: Um Estudo sobre as Motivações e Características das Empreendedoras da CMEG de Toledo-PR. **Connection Scientific Journal**, v. 3, n. 3, p. 22-37, 2020. Disponível em <https://csj.abpsec.org.br/index.php/csj/article/view/de28>. Acesso em 31 ago 2022.

SEBRAE. **Sebrae. A força do empreendedor brasileiro**. 2022. Disponível em: [https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/canais\\_adicionais/conheca\\_quemsomos](https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/canais_adicionais/conheca_quemsomos). Acesso em 08 set 2022.

SILVA, Mauri Antônio da. Aporte histórico sobre os direitos trabalhistas no Brasil. **Ser social**, v. 22, n. 46, 2020. Disponível em: [https://periodicos.unb.br/index.php/SER\\_Social/article/download/](https://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/article/download/). Acesso em 06 out 2022.

SOARES, Marcela. Precariedade e mistificação da precarização: superexploração da força de trabalho. **Vértices**, Campos dos Goitacazes-RJ, v. 22, 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/6257/625764793005/625764793005.pdf>. Acesso em 20 dez 2022.

SOARES, Sophia Caroline da Costa; SANTOS, Suely Xavier dos; OLIVEIRA, Agostinha Mafalda Barra de. Relação entre a motivação para empreender dos empreendedores aracatienses e suas ações para o desenvolvimento da economia local. In: OLIVEIRA, A. M. **Empreendedorismo: registros de estudos teórico-empíricos no semiárido**. Mossoró-RN: Edufersa, 2018. Disponível em <https://livraria.ufersa.edu.br/wp-content/uploads/sites/165/2019/02/empreendedorismo-registros-de-estudos-teoricos-empiricos-no-semiarido003.pdf#page=91>. Acesso em 18 set 2022.

SOUSA, Luana P.; GUEDES, Dyeggo R.; A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. **Estudos avançados**, 30(87), 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/PPDVW47HsgMgGQQCgYYfWgp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 18 ago. 2022.

VAZ, Daniela Verzola. O teto de vidro nas organizações públicas: evidências para o Brasil. **Economia e Sociedade**, v. 22, n.3, p. 765-790, 2013. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ecos/a/FSfpH9NQg6qHy3Hky8tCXyt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 26 out 2022.